

# Isso não ★ pode ★ ★ acontecer aqui ★ ★

Um romance sobre o que aconteceria nos EUA se um ditador chegasse ao poder. Ironicamente profético. Assustadoramente contemporâneo.

# Sinclair Lewis

Prêmio Nobel da Literatura 1930



D. QUIXOTE



A elegante sala de jantar do Hotel Wessex, com os seus brasões em gesso dourado e o fresco com a reprodução das Green Mountains, fora reservada para o Jantar das Senhoras do Rotary Club de Fort Beulah.

Aqui, no Vermont, o evento não era tão pitoresco como nas pradarias do Oeste, mas teve os seus pontos altos: houve uma pequena representação humorística em que Medary Cole (armazém de moagens e rações) e Louis Rotenstern (alfaiataria por medida, engomadoria e lavandaria) representaram os papéis de Brigham Young e Joseph Smith, os históricos cidadãos do Vermont, e com as suas piadas sobre múltiplas esposas imaginárias lançaram indiretas às senhoras presentes. Mas a ocasião era essencialmente séria. Depois dos sete anos de depressão que se seguiram a 1929, toda a América estava agora séria. Decorreu o tempo suficiente, após a Grande Guerra de 1914-1918, para que os jovens nascidos em 1917 estivessem preparados para entrar na universidade... ou até noutra guerra, numa qualquer guerra que fosse conveniente.

As comunicações que os rotarianos prepararam para a noite nada tinham de divertido, ou pelo menos isso não era assim tão óbvio, pois eram marcadas pelos discursos patrióticos de Herbert Y. Edgeways, General de Brigada do exército dos EUA. agora aposentado, que se ocupou inflamadamente do tópico «A paz através da defesa – milhões para armas mas nem um centavo para tributos», e da senhora Adelaide Tarr Gimmitch,

tão afamada pela sua intrépida campanha antissufragista nos velhos tempos de 1919 como por ter mantido os soldados americanos afastados dos cafés franceses durante a Grande Guerra, graças ao astuto truque de lhes enviar dez mil jogos de dominó.

Tão-pouco poderia qualquer patriota socialmente consciente torcer o nariz ao seu esforço recente, e de algum modo pouco apreciado, de manter a pureza do Lar Americano, excluindo da indústria cinematográfica aqueles, entre atores, realizadores e operadores de câmara, que: *a)* fossem divorciados; *b)* tivessem nascido num país estrangeiro – exceto a Grã-Bretanha, pois a senhora Gimmitch tinha em grande consideração a rainha Maria I –; ou *c)* recusassem prestar o juramento de honra à Bandeira, à Constituição, à Bíblia e a todas as outras instituições intrinsecamente americanas.

O Jantar Anual das Senhoras era um encontro extremamente respeitável – nele participava a nata de Fort Beulah. A maioria das senhoras e mais de metade dos cavalheiros usavam trajes de noite, e constava que antes do banquete fora servido um *cocktail* ao círculo mais restrito no quarto 289 do hotel. As mesas, dispostas em três dos lados de um quadrado, brilhavam com os seus castiçais, travessas de vidro lapidado contendo doces e amêndoas ligeiramente torradas, pequenas figuras do Rato Mickey, rodas dentadas Rotary em cobre e pequenas bandeiras americanas de seda espetadas em ovos cozidos dourados. Da parede pendia uma faixa onde se lia «Service Before Self» [«Servir antes de ser»], e a ementa – aipo, creme de tomate, arinca cozida, croquetes de frango com ervilhas e gelado *tutti-frutti* – cumpria os mais altos padrões do Hotel Wessex.

Todos escutavam, embevecidos. O general Edgeways estava prestes a concluir o seu másculo, ainda que arrebatadamente místico, discurso sobre o nacionalismo:

– ... porque os Estados Unidos se distinguem de entre as grandes potências por não terem qualquer desejo de conquistas externas. A nossa maior ambição é que, por favor, nos deixem sozinhos! A única relação que genuinamente queremos estabelecer com a Europa assenta na árdua tarefa de tentarmos

educar as massas rudes e ignorantes que dela provêm e nos foram impostas, de modo que assimilem minimamente a cultura americana e boas maneiras. Mas, como já referi, temos de estar preparados para defender as nossas costas dos bandos de escroques estrangeiros que se autointitulam «governos» e que, impulsionados por uma enorme e febril inveja, cobiçam permanentemente as nossas inesgotáveis minas, as nossas frondosas florestas, as nossas gigantescas e sumptuosas cidades, os nossos campos vastos e belos.

»Pela primeira vez na História, uma grande nação tem de reforçar constantemente o seu armamento; não para a conquista, não motivada pela inveja, não para provir à guerra... mas para manter a *paz*! Deus queira que nunca seja preciso, mas, se as nações estrangeiras não prestarem a devida atenção ao nosso aviso, tal como quando foram implantados os proverbiais dentes de dragão como linhas de defesa anti-invasão, irá surgir um guerreiro armado e destemido em cada metro quadrado destes Estados Unidos, já tão arduamente cultivados e defendidos pelos nossos pais pioneiros, cujas imagens de espada em punho que tão bem conhecemos teremos de imitar... ou pereceremos!

Os aplausos foram estrondosos. O «professor» Emil Staubmeyer, diretor das escolas, saltou da cadeira para gritar: «Três vivas ao general – *hip, hip, hurra!*»

A audiência em peso desfez-se em sorrisos para o general e o senhor Staubmeyer – todos, exceto um par de excêntricas pacifistas e Doremus Jessup, editor do *Daily Informer* de Fort Beulah, localmente considerado «um tipo bastante esperto, mas algo cínico», que sussurrou para o seu amigo, o reverendo Falck:

– Os nossos pais pioneiros foram algo controversos ao cultivarem arduamente alguns dos metros quadrados do Arizona!

O ponto culminante do jantar era a intervenção da senhora Adelaide Tarr Gimmitch, conhecida em todo o país como «a garota dos *Unkies*», porque durante a Grande Guerra defendeu que se chamasse «*Unkies*» aos nossos rapazes na FEA (Força Expedicionária Americana). Não se limitara apenas a

fornecer-lhes os dominós; na verdade, a sua primeira ideia fora bastante mais imaginativa. Queria enviar a cada soldado na Frente um canário numa gaiola. Pensava que assim lhes proporcionaria companhia e lhes avivaria as memórias das suas mães e do seu lar! Um pequeno e gracioso canário! E, quem sabe, talvez o pudessem treinar para catar piolhos!

Entusiasmada com a ideia, conseguiu abrir caminho até ao gabinete da Intendência Geral, mas o enfadonho oficial de serviço desprezou-a com um gesto automatizado (ou, na verdade, desprezou os pobres rapazes, tão solitários lá longe, enterrados na lama), balbuciando cobardemente um qualquer disparate acerca da falta de transporte adequado para canários. Consta que os olhos da senhora Gimmitch cuspiram fogo e que fitou o sargento-ajudante como uma Joana d'Arc com óculos enquanto «lhe passava um responso que *ele* jamais esqueceria!».

Naqueles tempos áureos as mulheres tinham realmente sorte. Foram encorajadas a enviar os seus homens, ou os de qualquer família, para a guerra. A senhora Gimmitch dirigia-se a todos os soldados que encontrava como «meu querido rapaz» – e procurava assegurar que se encontrava com qualquer um que se localizasse até dois quarteirões de distância do local onde estivesse. Conta-se até que saudou um coronel dos *marines* que estava de licença e este lhe respondeu:

– Nestes tempos, nós, os queridos rapazes, ganhámos muitas mães. Pessoalmente, preferiria ter mais umas quantas amantes.

E a história prossegue assegurando que ela não cessou as suas observações, exceto para tossir, durante mais uma hora e dezassete minutos, segundo o relógio de pulso do coronel.

Mas os serviços sociais que realizou não estão todos confinados a eras pré-históricas. Bem recentemente, em 1935, assumiu a missão de purificar a indústria cinematográfica, não sem antes ter defendido, e depois combatido, a Lei Seca. Uma vez que o direito de voto lhe foi imposto, acabou também por ser membro de uma comissão do Partido Republicano, em 1932, e enviava diariamente um longo telegrama de aconselhamento ao presidente Hoover.

E, embora infelizmente não tivesse filhos, era respeitada como conferencista e escritora de literatura infantil, destacando-se como autora de um volume de rimas infantis, incluindo a imortal copla:

*Todas as bolinhas estão alinhadas,  
Redondas, redondinhas e anafadas.*

Mas, quer fosse em 1917 ou em 1936, fora sempre membro ativo da organização Daughters of the American Revolution (Filhas da Revolução Americana).

A DAR (refletia naquela noite o cínico Doremus Jessup) é uma organização algo confusa – tão confusa como a teosofia, a relatividade ou o truque da corda indiana; e assemelha-se a qualquer dos três. É composta por mulheres que passam metade do tempo em que estão acordadas a vangloriar-se de serem descendentes dos colonos americanos insurgentes de 1776, e a outra e mais ardente metade a atacar todos os seus contemporâneos que acreditam precisamente nos princípios por que aqueles antepassados lutaram.

A DAR (refletia ainda Doremus) tornou-se tão sacrossanta, tão impermeável à crítica como a Igreja Católica ou o Exército de Salvação. E há que dizer isto: tem proporcionado risos sinceros e inocentes aos sensatos, uma vez que se forçou a ser tão ridícula como o infeliz e defunto Ku Klux Klan, sem qualquer necessidade de usar em público, como o KKK, capuzes altos e camisas de noite.

Portanto, quer a senhora Adelaide Tarr Gimmitch fosse chamada a incentivar o moral das tropas, quer a persuadir os grupos corais lituanos a iniciarem as suas atuações com «Columbia, The Gem of the Ocean», era sempre uma DAR, e qualquer um podia afirmá-lo ao escutá-la a perorar para os rotarianos de Fort Beulah naquele belo serão de maio.

Era baixa, roliça, de nariz arrebitado. O seu abundante cabelo grisalho (estava agora com sessenta anos, exatamente a mesma idade do sarcástico jornalista Doremus Jessup) era bem

visível sob um juvenil chapéu florentino; usava um vestido de seda estampada com um enorme colar de contas de cristal, e um pouco acima do seu peito maduro tinha uma orquídea espetada entre lírios-do-vale. Distribuía prodigamente simpatia por todos os homens presentes: insinuava-se perante eles, tocava-lhes e, com uma voz melosa como sons de flauta envolvidos em molho de chocolate, despejava a sua intervenção subordinada ao tema «Como podem vocês, homens, ajudar-nos a nós, mulheres».

As mulheres, salientou, nada tinham feito com o voto. Se ao menos os Estados Unidos a tivessem ouvido em 1919, bem lhes teria poupado toda esta maçada. Não. Seguramente que não. Não aos votos. De facto, a mulher deve retomar o seu lugar no lar e, «como salientou o grande autor e cientista, senhor Arthur Brisbane, o dever de cada mulher é ter seis filhos».

Naquele momento, houve uma perturbadora e espantosa interrupção.

Era uma tal Lorinda Pike, viúva de um famigerado pregador unitarista e gerente de uma grande pensão rural chamada A Taberna do Vale do Beulah. Tinha uma aparência enganosa de Madona, jovem, de olhos calmos, cabelo castanho-dourado com risco ao meio, e uma voz suave, frequentemente colorida com risos. Mas em público a sua voz soou metálica e os olhos encheram-se-lhe de uma fúria embaraçosa. Ela era a rabugenta daquela cidade, o mau feitio em pessoa. Bisbilhotava permanentemente coisas que não lhe diziam respeito, nas assembleias municipais criticava todo e qualquer assunto significativo do país: as tarifas da companhia de electricidade, os salários dos professores, a censura de livros para a biblioteca pública que era assegurada pela digna Associação Clerical. Agora, num momento em que tudo devia ser Luz e Harmonia, Lorinda Pike quebrava o feitiço ao troçar:

– Três vivas a Brisbane! Mas e se a pobre rapariga não conseguir fugar um homem? Tem os seus seis filhos fora do casamento?

Então a velha guerreira Gimmitch, veterana de centenas de campanhas contra os vermelhos subversivos, treinada para



ridicularizar até à sua neutralização a conversa fiada dos agitadores socialistas e virar o feitiço contra o feiticeiro, entrou destemidamente em ação:

– Minha boa e querida amiga, se uma rapariga, como lhe chama, tiver um mínimo de encanto e feminilidade, não terá de «fisgar» um homem: vai seguramente encontrar uma fila de dez interessados à porta de sua casa! – (Risos e aplausos.) O desacato acabara de despertar a nobre paixão da senhora Gimmitch. Agora não podia poupá-los. Era hora de voltar à carga: – Digo-vos, meus amigos, o grande problema deste país é haver tantos *egoístas*! Somos 120 milhões de pessoas, mas 95 por cento só pensam *em si*, em vez de se unirem e ajudarem os empresários responsáveis a trazer de volta a prosperidade! Todos estes sindicatos corruptos e egoístas! Gananciosos! Só pensam em quanto conseguem extorquir em salários ao infeliz patrão, apesar de todas as responsabilidades por ele suportadas!

»Do que este país precisa é de disciplina! A paz é um sonho maravilhoso, mas por vezes apenas uma ilusão! Talvez isto vos choque, mas quero que me encarem como uma mulher que vos diz a verdade nua e crua, em vez de muitas ladainhas sentimentais: não tenho bem a certeza, mas creio que precisamos de participar outra vez numa guerra a sério para aprendermos o valor da disciplina! Nós não queremos toda esta alta intelectualidade, toda esta erudição. Tem certamente aspetos positivos, mas não será, afinal, um bonito brinquedo para adultos? Não, aquilo que todos nós queremos, para que este país mantenha a sua elevada posição entre o Congresso das Nações, é disciplina... força de vontade... carácter! – Voltou-se então, graciosamente, para o general Edgeways e riu: – Falou-nos de assegurar a paz, mas, aqui só entre rotarianos, o general tem de reconhecer que, quando um país enlouquece por dinheiro – como sucede com os nossos sindicatos e trabalhadores, com a sua propaganda para a subida de impostos sobre os rendimentos, para que os poupados e os empreendedores tenham de pagar pelos indolentes e inúteis –, não pensa, com toda a sua experiência, que talvez, para salvar estas almas preguiçosas e lhes temperar o

carácter, uma guerra poderá ser positiva? Vamos, general, mostre-nos de que fibra é feito!

Sentou-se de modo dramático e o som dos aplausos, qual nuvem de penas sedosas, encheu a sala. A audiência gritava, «Vamos, general, levante-se!» e «Ela exigiu que se retratasse, o que tem a dizer?» ou um simples «Força, general!».

O general era baixo e anafado e a pele do seu rosto corado, enfeitado com óculos de aros de ouro branco, era tão macia como o rabinho de um bebé. Mas inspirou militarmente e afixou um sorriso viril.

– Bem, meus senhores! – pôs-se de pé e soltou uma gargalhada, apontando amistosamente com o indicador para a senhora Gimmitch. – Uma vez que os meus amigos estão determinados em arrancar segredos a este pobre militar, é melhor confessar que, embora eu abomine a guerra, ainda há coisas piores. Ai, meus amigos, muito, mas muito piores! Um Estado envolto naquilo a que chamam de paz, no qual as organizações são permeadas por noções insanas oriundas na Rússia Vermelha, quais bactérias de uma praga! Um Estado em que professores universitários, jornalistas e autores consagrados propagam secretamente os mesmos sediciosos ataques à boa e velha Constituição! Um Estado em que, como consequência de ser alimentado por estas drogas mentais, o povo perde indolente e cobardemente o feroz orgulho do guerreiro! Não, um Estado assim é bem pior do que a guerra em toda a sua extensa monstruosidade!

»Talvez algumas das coisas que referi no meu discurso anterior possam ter parecido algo óbvias ou até aquilo a que nós costumávamos chamar atitude de bota-de-elástico quando a minha brigada estava aquartelada em Inglaterra. Refiro-me à ideia de os Estados Unidos desejarem que de todos os problemas estrangeiros resultasse exclusivamente a paz e a liberdade. Não! O que eu gostaria mesmo que fizéssemos era que nos erguéssemos e disséssemos a todo o mundo: “Agora vocês, rapazes, não se preocupem com o lado moral disto. Nós temos poder, e o poder justifica-se a si mesmo!”

»Não admiro na íntegra tudo o que a Alemanha e a Itália têm feito, mas temos de reconhecer que foram suficientemente sérios e realistas para dizerem às outras nações: “Limitem-se a tratar dos vossos assuntos, de acordo? Nós temos a força e a vontade e, para aqueles que têm essas divinas qualidades, usá-las não é apenas um direito, mas um *dever!*” Afinal, nunca ninguém neste mundo de Deus apreciou os fracos, incluindo aqueles que são, eles mesmos, fracos!

»E tenho boas notícias para vós! Este credo poderoso, limpo e combativo está a estender-se a todo o país, entre a nossa melhor juventude. Hoje, em 1936, menos de sete por cento das instituições de ensino não possuem unidades de instrução militar sujeitas a uma disciplina tão rigorosa como a dos nazis; e, onde outrora ela foi imposta pelas autoridades, hoje são os próprios rapazes e raparigas que convictamente exigem o *direito* de serem treinados nas virtudes e competências da guerra. Porque, notem bem, as raparigas, ao aprenderem enfermagem e a fabricar de máscaras de gás e afins, estão a tornar-se tão ou mais zelosas do que os seus irmãos. E todos os professores realmente *pensantes* estão em sintonia com eles.

»Nesta região, há apenas três anos, uma doentia percentagem de estudantes era ruidosamente pacifista, a desejar apunhalar a sua pátria pelas costas. Mas agora, quando os loucos sem vergonha e os advogados do comunismo procuram organizar encontros pacifistas... Meus caros amigos, nos últimos cinco meses, nada menos do que setenta e seis destas orgias exibicionistas foram atacadas por outros estudantes seus colegas, e cinquenta e nove desses desleais estudantes vermelhos receberam o devido castigo e foram tão severamente punidos que nunca mais voltarão a erguer neste país livre a bandeira ensanguentada do anarquismo! Isto, meus amigos, são BOAS NOTÍCIAS!

Enquanto o general se sentava, por entre êxtases e aplausos, a causadora de sarilhos da cidade, a senhora Lorinda Pike, levantou-se e mais uma vez interrompeu o banquete de beneficência:

– Olhe lá, senhor Edgeways, se pensa que vai conseguir sair assim desse disparate sádico sem...

Não conseguiu ir mais longe. Francis Tasbrough, o dono da mina, o mais poderoso empresário de Fort Beulah, levantou-se de um modo majestoso, silenciou Lorinda com um braço estendido e fez ouvir a sua tonitruante voz de baixo para «Jerusalem the Golden»<sup>1</sup>:

– Um momento por favor, minha querida senhora! Todos os que aqui estamos reunidos nos habituámos já aos seus princípios políticos. Mas, como presidente, é meu dever lembrá-la de que o general Edgeways e a senhora Gimmitch foram convidados pelo clube para nos dirigirem algumas palavras, enquanto a senhora, queira desculpar-me por referi-lo, não tem sequer qualquer parente rotariano, antes se encontra aqui meramente como convidada do reverendo Falck, a quem não podemos deixar de prestar a nossa maior consideração. Portanto, se tiver a bondade... Ah, obrigado, minha senhora!

Lorinda Pike, com a cabeça ainda em brasa, afundou-se na sua cadeira. Francis Tasbrough, pelo contrário, sentou-se com a dignidade do Arcebispo de Cantuária no trono arcebispal.

E Doremus Jessup esticou a cabeça para acalmar todos, como amigo íntimo de Lorinda e como conhecido de Francis Tasbrough desde a mais tenra juventude, a quem desde então detestava.

Doremus Jessup, editor do *Daily Informer*, apesar de ser um competente homem de negócios e autor de editoriais aos quais não faltava espirituosidade e a boa truculência da Nova Inglaterra, era porém considerado o excêntrico de Fort Beulah. Integrava a direção da escola e da biblioteca, e apresentava pessoas como Oswald Garrison Villard, Norman Thomas e Admiral Byrd quando estes vinham à cidade proferir conferências.

Jessup era um homem relativamente baixo, magricela, sorridente, bem bronzeado, com um pequeno bigode grisalho e uma barba bem aparada, também grisalha, numa comunidade em que usar barba era como confessar-se agricultor, veterano

---

<sup>1</sup>Hino anglicano do século XIX, composto por John Mason Neale. [N. do T.]

da Guerra da Secessão ou adventista do sétimo dia. Os detratores de Doremus diziam que ele mantinha a barba apenas para se armar em «intelectual» e ser «diferente», na tentativa de ter uma aparência «artística». Talvez tivessem razão. De qualquer forma, naquele momento ele levantou-se e murmurou:

– Bem, todos os passarinhos no seu ninho concordam. A minha querida amiga, a senhora Pike, devia saber que a liberdade de expressão passa a ser considerada desrespeito quando vai ao ponto de criticar o Exército, discordar da DAR e defender os direitos da turba. Portanto, Lorinda, penso que deve pedir desculpa ao general, a quem devemos estar gratos por nos explicar o que as classes dirigentes do país realmente desejam. Vamos lá, minha amiga, levante-se e apresente as suas desculpas.

Olhou para Lorinda com severidade, porém, Medary Cole, presidente do Rotary Club, interrogou-se se Doremus não estaria a «troçar» deles. Era conhecido por fazê-lo. Sim, era... Não... devia estar enganado, pois a senhora Lorinda Pike cantarolou (sem se levantar):

– Oh, sim! Peço desculpa, general! Obrigada pelo seu sugestivo discurso!

O general levantou a mão sapuda (com um anel maçónico junto ao anel de West Point, ambos enfiados em dedos que se assemelhavam a salsichas); fez uma vénia como se fosse o cavaleiro arturiano Galahad ou um chefe de mesa; e bradou, com uma masculinidade de parada militar:

– Não tem de quê, não tem de quê, minha senhora! Nós, os velhos militares, não fugimos a uma salutar desavença. Fico satisfeito quando alguém se interessa o suficiente pelas nossas ideias loucas ao ponto de as discutir e irritar-se connosco, ah, ah, ah!

Todos riram e a alegria voltou a reinar. O programa continuou com Louis Rotenstern a cantar um conjunto de canções patrióticas: «Marching Through Georgia», «Tenting on the Old Campground», «Dixie», «Old Black Joe» e ainda «I'm Only a Poor Cowboy and I Know I Done Wrong».

Louis Rosenstern era considerado por todos em Fort Beulah «bom tipo», um degrau imediatamente abaixo do «verdadeiro

cavalheiro à moda antiga». Doremus Jessup gostava de ir com ele pescar ou caçar perdizes, e achava que nenhum alfaiate da Quinta Avenida conseguiria fazer um fato listado mais elegante. Mas Louis era um chauvinista. Referia, e com bastante frequência, que nem ele nem o seu pai tinham nascido no gueto, na Polónia prussiana, mas o avô sim (cujo nome, suspeitava Doremus, seria algo menos chique e nórdico do que Rotenstern). Os heróis de Louis eram Calvin Coolidge, Leonard Wood, Dwight L. Moody e o almirante Dewey (e Dewey nascera como ele no Vermont, rejubilava Louis, que era de Flatbush, Long Island).

Não era só cem por cento americano; por cima disso, ainda arrastava consigo quarenta por cento de empenho chauvinista. Fosse qual fosse a ocasião, era conhecido por dizer: «Devemos manter todos estes estrangeiros fora do país, quer sejam marranos, esparguetes, monhés ou chinocas.» Louis estava perfeitamente convencido de que, se os políticos ignorantes mantivessem as suas mãos sujas fora dos bancos e da bolsa e dos horários de trabalho dos vendedores das grandes lojas, então toda a gente no país iria lucrar, beneficiando do crescimento dos negócios, e todos (incluindo os empregados de balcão) seriam tão ricos como o Aga Khan.

E assim Louis colocou nas melodias não só a sua voz ardente de cantor de Bydgoszcz, mas todo o seu fervor nacionalista, para que os presentes se juntassem a ele cantando os refrães, especialmente a senhora Adelaide Tarr Gimmitch, com a sua afamada voz de contralto, típica de um altifalante de estação de caminhos-de-ferro.

O jantar chegou ao fim com felizes *adieux* sobrepostos, formando uma espécie de catarata de sons, e Doremus Jessup murmurou para Emma, a sua mulher, uma alma constante, bondosa e preocupada, que gostava de tricotar a sós e dos romances de Kathleen Norris:

– Achas que fui indelicado com a minha interrupção?

– Oh, não, meu arganaz, fizeste bem. Eu simpatizo com a Lorinda Pike, mas porque será que tem sempre de se pavonear e exhibir as suas estúpidas ideias socialistas?

– Ah, velha conservadora! – disse Doremus. – Não queres convidar a elefante siamesa, a Gimmitch, para passar lá por casa e tomar uma bebida?

– Não, não quero! – disse Emma Jessup.

E no fim, à medida que os rotarianos se arrastavam e enfiavam nos seus inumeráveis automóveis, foi Frank Tasbrough quem, depois da festa, convidou os cavalheiros mais distintos para sua casa.

Enquanto levava a mulher a casa e conduzia depois por Pleasant Hill rumo à casa de Tasbrough, Doremus Jessup meditava sobre o patriotismo epidémico do general Edgeways. Mas interrompeu os seus pensamentos para se deixar absorver pelos montes na paisagem, tal como sempre fora seu hábito nos cinquentaetrêsdossessentaanosdevidaquepassaraemFortBeulah, no Vermont.

Administrativamente considerada uma cidade, Fort Beulah era na prática uma vila acolhedora com construções em tijolo vermelho, velhas oficinas de granito, casas revestidas a tábuas brancas ou ripas cinzentas e alguns *bungalows* modernos pequenos e pretensiosos, de tom amarelo ou castanho-vivo. Só havia pequenas indústrias: uma fiação de lã, uma fábrica de portas e caixilhos, uma empresa de bombas de água. O granito, que era o produto mais importante da região, vinha de pedreiras que distavam seis quilómetros da cidade; no tecido urbano de Fort Beulah só existiam os escritórios dessas empresas... todo o dinheiro... e as casas pobres da maioria dos trabalhadores das pedreiras. Era uma cidade de talvez dez mil almas, que residiam em cerca de vinte mil divisões – a proporção de alma/propriedade talvez seja demasiado alta.

Comparativamente com as restantes edificações, havia apenas um «arranha-céus» na cidade: o Edifício Tasbrough, de seis pisos, que albergava os escritórios das Pedreiras de Granito Tasbrough & Scarlett; os consultórios médicos do genro



de Doremus, Dr. Fowler Greenhill, e do seu sócio, o velho Dr. Olmsted; o escritório do advogado Mungo Kitterick; o espaço empresarial de Harry Kindermann, representante de marcas de xarope de ácer e de produtos lácteos; e ainda espaços ocupados por trinta ou quarenta outros samurais da localidade.

Era uma cidade simpática, calma, segura e tradicional, que ainda acreditava na importância de datas históricas como o Dia de Ação de Graças, o Dia da Independência ou o Memorial Day, e na qual o 1.º de Maio não era ocasião para manifestações de trabalhadores mas sim para distribuir pequenos cestos de flores.

Era uma noite do fim de maio de 1936 e a Lua estava em Quarto Minguante. A casa de Doremus ficava a dois quilómetros da Baixa de Fort Beulah, em Pleasant Hill – geograficamente, a dispersão territorial fazia lembrar um espigão, uma mão estendida saída da massa escura por detrás do Monte Terror. Do planalto podiam ver-se os prados, resplandecentes ao luar, entre as florestas de abetos, áceres e álamos, empoleirados nos cumes, lá bem no alto; e lá em baixo, enquanto o carro subia, o ribeiro Ethan ia correndo através da planície. Florestas densas, baluartes das montanhas mais afastadas – o ar parecia água das nascentes –, casas revestidas de tábuas, tranquilas, que traziam à memória a guerra de 1812 e a mocidade de cidadãos errantes do Vermont, como Stephen A. Douglas, o «Pequeno Gigante», Hiram Powers, Thaddeus Stevens, Brigham Young e o presidente Chester Alan Arthur.

«Não, Powers e Arthur eram eles mais fracos», pensou Doremus. «Mas Douglas, Thad Stevens e Brigham, o velho garanhão... Será que ainda somos capazes de gerar paladinos como estes robustos e casmurros velhos diabos? Será que ainda há gente assim, algures na Nova Inglaterra?... Ou mesmo na América? Ou até no mundo? Eles, sim, eram bravos. Independentes. Faziam o que queriam e guiavam-se pelo que lhes agradava, e que todos os outros fossem para o inferno. Os jovens de hoje... Oh, os aviadores têm imensa coragem. Os físicos, esses doutores em ciências de vinte e cinco anos que violam o inviolável átomo, são pioneiros. Mas a maioria dos insípidos jovens do

presente, que avançam a 120 quilómetros por hora mas não chegam a lado nenhum, não têm imaginação suficiente para *querer* chegar a qualquer lado! Obtêm a sua música remexendo num botão. Retiram as suas frases das tiras de banda desenhada em vez de as extraírem das obras de Shakespeare, da Bíblia, de Veblen ou de Old Bill Sumner. Gorduchos alimentados a papinha! Como o presunçoso Malcolm Tasbrough, um fedelho sempre à volta de Sissy! Aah!»

«Não seria fantástico se aquele emproado, o Edgeways, e aquela Mae West da política, a Gimmitch, tivessem razão e nós precisássemos de todos estes endiabrados militares e talvez até de uma guerra absurda (para conquistar algum país quente e pegajoso que não ambicionemos nem numa aposta!) para moldar e uniformizar estas marionetas a quem chamamos filhos? Aah!», considerou ainda.

«Mas, caramba... Estes montes! Muralhas de um castelo. E este ar! Eles bem podem ficar com as suas Montanhas Cotswolds e Harz e ainda com as Montanhas Rochosas! D. Jessup, patriota topográfico. E eu *sou* um...»

– Dormouse, importas-te de guiar do lado direito da estrada, pelo menos nas curvas? – pediu-lhe a mulher tranquilamente.

Um vale nas terras altas e neblina sob a Lua – um manto nebuloso envolvia a floração de uma macieira e a flor pesada de um velho lilás, ambos situados ao lado das ruínas de uma quinta fustigada por sessenta anos ou mais.

Francis Tasbrough era o presidente, diretor-geral e sócio maioritário da empresa Pedreiras de Granito Tasbrough & Scarlett, em West Beulah, a seis quilómetros do «Forte». Era rico, persuasivo e tinha constantes problemas laborais para resolver. Vivia numa casa recente de estilo georgiano revestida a tijolo, em Pleasant Hill, um pouco além da casa de Doremus Jessup, e nessa sua propriedade mantinha um luxuoso salão de bar, em tudo idêntico ao do diretor de publicidade de uma empresa de automóveis em Grosse Point. Já não se tratava da tradicional

Nova Inglaterra nem da parte católica de Boston, e o próprio Frank vangloriava-se disso; embora a sua família vivesse há seis gerações na Nova Inglaterra, ele não era um ianque de gema, mas na sua eficiência, na sua arte de vender, era um verdadeiro executivo, a personificação do homem de negócios pan-americano.

Tasbrough era alto, exibia um bigode louro e expressava-se com uma voz monotonamente enfática. Tinha cinquenta e quatro anos, sendo por isso seis anos mais novo do que Doremus Jessup; aliás, quando Tasbrough tinha quatro, Doremus protegera-o das consequências do seu singular e nada popular hábito de bater na cabeça dos rapazes mais pequenos do que ele com coisas – todo o tipo de coisas, desde paus a carros de brincar, de lancheiras a bosta de vaca seca.

Reunidos esta noite no seu salão de bar privativo, depois do jantar rotariano, encontravam-se o próprio Frank, Doremus Jessup, Medary Cole, o dono da moagem, o superintendente escolar Emil Staubmeyer, R. C. Crowley – Roscoe Conkling Crowley, o mais importante banqueiro de Fort Beulah – e, algo surpreendentemente, o reverendo Falck, ministro episcopal de Tasbrough, de mãos delicadas que faziam lembrar porcelana, cabelo branco e macio como seda mas revoltado e um semblante espiritual denunciando uma Vida Boa. Falck provinha de uma estável família de colonos holandeses, e estudara em Edimburgo e Oxford, bem como no Seminário de Teologia de Nova Iorque; e não havia ninguém no Vale do Beulah, para além de Doremus, que procurasse com maior prazer o refúgio dos montes.

O interior do salão de bar fora decorado de modo profissional por um jovem cavalheiro nova-iorquino que tinha o hábito de estar de pé com as costas da mão direita apoiadas na anca. Havia um bar de aço inoxidável, ilustrações emolduradas de *La Vie Parisienne*, mesas de metal prateado e cadeiras de alumínio cromado acolchoadas a couro vermelho.

À exceção de Tasbrough, de Medary Cole (um arrivista social para quem os favores de Frank Tasbrough eram como mel e figos maduros) e do «professor» Emil Staubmeyer, todos se sentiam algo desconfortáveis com esta elegância de gaiola de

papagaio, mas nenhum deles, incluindo o pastor Falck, parecia deixar de apreciar o excelente uísque com soda de Frank ou as sanduíches de sardinha.

«E será que Thad Stevens também teria gostado disto?», pensou Doremus. «Teria eventualmente rezingado, a velha pantera encurralada. Mas talvez não por causa do uísque!»

– Doremus – chamou Tasbrough –, porque não caís em ti? Tens-te divertido imenso todos estes anos a criticar, sempre contra o governo, a troçar de todos, com uma atitude tão liberal que leva a crer que serias capaz de apoiar todos esses elementos subversivos. É tempo de deixares de jogar à apanhada com ideias loucas e vires juntar-te à família. Estes são tempos sérios e começam a ficar feios, temos talvez vinte e oito milhões de pobres dependentes de subsídios governamentais que hoje pensam que têm o direito de serem sustentados por meio de pensões.

»E os judeus comunistas e os judeus usurários conspiram em conjunto para controlarem o mundo. Posso compreender que tu, quando eras mais novo, pudesses alimentar alguma simpatia pelos sindicatos e até pelos judeus; embora, como saibas, eu nunca deixasse de ficar magoado contigo por teres tomado o partido dos grevistas quando esses bandidos procuraram arruinar todo o meu negócio, incendiando as minhas oficinas de corte e polimento. Talvez por teres até sido favorável a esse assassino estrangeiro, o Karl Pascal, o responsável por se ter dado a grave... eu não tenha saboreado o seu despedimento quando tudo acabou!

»Mas, de qualquer forma, estes chantagistas associam-se agora a líderes comunistas e estão determinados a governar o país; a dizer a homens como *eu* como devemos gerir os nossos negócios! E, tal como o general Edgeways disse, irão recusar defender o país se porventura viermos a ser arrastados para alguma guerra. Sim, é um momento bastante sério, e é tempo de pores fim ao cacarejo e te juntares a cidadãos verdadeiramente responsáveis.

– Hum!... Sim, concordo que os tempos são sérios – disse Doremus. – Com todos os descontentes que há no país a

quererem ir para o governo, o senador Windrip tem agora uma excelente oportunidade de ser eleito presidente, em novembro próximo; e, se o for, provavelmente o seu bando de abutres vai envolver-nos em algum tipo de guerra, apenas para gáudio da sua vaidade insana e para mostrar ao mundo que somos a nação mais musculada que existe na atualidade. E então eu, o liberal, e tu, o plutocrata, o falso conservador, seremos levados e abatidos a tiro às três da madrugada. Que tal?

– Ora! Estás a exagerar! – reagiu R. C. Crowley.

Doremus prosseguiu:

– Se o bispo Prang, o nosso Savonarola montado num *Cadillac 16*, fizer pender a sua audiência radiofónica e a sua Liga de Homens Esquecidos para o Buzz Windrip, o Buzz irá ganhar. O povo vai pensar que o está a eleger para ter maior segurança económica. Mas depois, atenção ao terror! Deus bem sabe que já houve indícios suficientes de *podermos* vir a ter um governo tirano na América: a posição dos rendeiros sulistas, as condições laborais dos mineiros e dos operários têxteis e o facto de termos mantido Mooney<sup>2</sup> tantos anos na prisão. Mas esperem até o Windrip nos mostrar como se diz tudo isto com metralhadoras! A democracia, aqui, na Grã-Bretanha e em França, não foi uma escravidão lamurienta tão universal como o nazismo na Alemanha ou o odiado materialismo farisaico da Rússia, mesmo que tenha produzido grandes industriais como tu, Frank, e banqueiros como tu, R. C., e vos tenha dado a todos demasiado poder e dinheiro. De um modo geral, com escandalosas exceções, a democracia deu ao trabalhador comum mais dignidade do que ele alguma vez tinha tido. Isso pode estar agora ameaçado pela possibilidade de ascensão do Windrip, por todos os Windrips. Tudo bem! Talvez tenhamos de enfrentar uma ditadura paternalista com um pequeno toque parricida; combater metralhadoras recorrendo também a metralhadoras.

---

<sup>2</sup>Ativista político e sindicalista norte-americano julgado e condenado por suspeita de envolvimento na preparação do atentado de *Preparedness Day*, que viria a ser perdoado em 1939, após um longo período de prisão por um crime que alegadamente não terá cometido. [N. do T.]

Esperem até o Buzz tomar conta de nós. Será uma verdadeira ditadura fascista!

– Absurdo! Absurdo! – vociferou Tasbrough. – Isso não pode acontecer aqui. Na América, não seria possível! Somos um país de homens livres!

– A resposta a isso – sugeriu Doremus Jessup –, que o senhor Falck me perdoe a heresia, é «o diabo é que não pode!». Sim, porque não há país no mundo que possa tornar-se mais histórico ou mais obsequioso do que a América. Vejam como Huey Long se tornou monarca absoluto do Luisiana, e como o ilustre senador Berzelius Windrip é *senhor* do seu Estado. Ouçam o bispo Prang e o padre Coughlin na rádio, oráculos divinos para milhões. Recordem que, como se nada fosse, a maioria dos americanos aceitou o Golpe Tammany, os gangues de Chicago e a desonestidade de tantos dos nomeados pelo presidente Harding. Que quadrilha poderá ser pior, a de Hitler ou a de Windrip? Lembram-se do Ku Klux Klan? Recordam-se da nossa histeria na guerra, quando chamámos à chucrute «couve da liberdade» e alguém acabou por propor chamar à rubéola «sarampo da liberdade»? E a censura de jornais sérios e não tendenciosos em tempo de guerra? Tão mau como na Rússia! Lembram-se como beijámos, enfim... os pés de Billy Sunday, o evangelista multimilionário, e os de Aimée McPherson, que conseguiu nadar desde o oceano Pacífico até ao deserto do Arizona, escapando assim a um sequestro? Lembram-se de Voliva e da Mãe Eddy?... Lembram-se dos nossos medos dos vermelhos e dos católicos, quando todas as pessoas bem informadas sabiam que membros do OGPU<sup>3</sup> se escondiam algures em Oskaloosa; e de que a campanha dos republicanos contra Al Smith informava os montanheiros da Carolina de que, se Al ganhasse, o Papa declararia ilegítimos os seus filhos? Lembram-se de Tom Heflin e de Tom Dixon? Lembram-se de quando os rústicos legisladores de certos Estados, em obediência a William Jen-

---

<sup>3</sup>Diretório Político Unificado do Estado Russo, nome dado à polícia secreta soviética até 1934. [N. do T.]

nings Bryan – que tudo o que sabia de biologia aprendeu com a sua piedosa avó –, se assumiram como entendidos em ciência e levaram todo o mundo a perder-se de riso ao proibirem o ensino da teoria da evolução?... Lembram-se dos Cavaleiros da Noite do Kentucky? Lembram-se de como comboios completamente carregados de gente partiram para assistir a linchamentos? Isso não pode acontecer aqui? A Lei Seca... Abater a tiro pessoas apenas porque *talvez* pudessem estar a transportar bebidas alcoólicas... Não, na *América* isso não pode acontecer! Porque nunca, em toda a História, houve um povo mais preparado para uma ditadura do que o nosso! Estamos prontos para dar imediatamente início a uma espécie de nova Cruzada de Crianças – só que desta vez de adultos – e os reverendos Abbots Windrip e Prang estão perfeitamente dispostos a liderá-la!

– Bem, e se estiverem? – protestou R. C. Crowley. – Talvez não seja assim tão mau. Não gosto nada destes permanentes ataques irresponsáveis que fazem contra nós, os banqueiros. É óbvio que o senador Windrip tem de fingir publicamente que critica as instituições bancárias, mas quando chegar ao poder irá exercer a sua influência adequada na administração dos bancos e aceitar o nosso aconselhamento financeiro. Sim, porque tens tanto medo da palavra *fascismo*, Doremus? É uma palavra, apenas uma palavra! E pode não ser algo assim tão mau, com todos estes vagabundos preguiçosos que hoje mendigam subsídios e vivem dos meus e dos teus impostos. Não será assim tão mau ter um verdadeiro Homem Forte, como Hitler ou Mussolini – como Napoleão ou Bismarck o foram nos bons velhos tempos –, e deixá-lo realmente *governar* o país e torná-lo de novo eficiente e próspero. Por outras palavras, ter um médico que não dê ouvidos a conversa fiada mas que trate efetivamente do doente e o cure, quer ele goste ou não do tratamento!

– Exatamente! – concordou Emil Staubmeyer. – Não foi Hitler quem salvou a Alemanha da praga vermelha do marxismo? Tenho primos que vivem lá. Eu *sei*!

– Hum! – reagiu Doremus, como era seu hábito. – Curar os males da democracia com os males do fascismo! É uma

terapêutica divertida. Ouvi falar da cura da sífilis fazendo o paciente contrair malária, mas nunca soube de terem curado a malária fazendo o doente contrair sífilis!

– Achas essa linguagem apropriada para se usar na presença do reverendo Falck? – condenou Tasbrough.

O senhor Falck, recorrendo à sua voz sibilante, defendeu Jessup:

– Penso que até é uma linguagem bastante apropriada e uma sugestão interessante, irmão Jessup!

– Bem – disse Tasbrough –, de qualquer forma, esta conversa não faz sentido. Como diz Crowley, podia ser bom termos um homem forte ao leme, mas... isso não pode acontecer aqui, na América.

E Doremus julgou perceber pelo suave movimento dos lábios do reverendo Falck que este murmurava:

– O diabo é que não pode!